

## DIÁLOGO

<http://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo>

Canoas, n. 40, 2019

<http://dx.doi.org/10.18316/dialogo.v0i40.5318>

### As influências na poética de Augusto dos Anjos

Talíze Zílio<sup>1</sup>

**Resumo:** Este estudo visa refletir sobre as influências sofridas por Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos em sua obra poética. Para isso, doutrinas filosóficas como o positivismo e o cientificismo foram revisitadas, bem como algumas escolas literárias como o parnasianismo, o simbolismo e o próprio período pré-moderno, não esquecendo da importância da Escola de Recife na construção de sua obra. Alguns autores também colaboraram para a formação poética de Augusto: Edgar Allan Poe, Arthur Schopenhauer e Charles Baudelaire. Neste trabalho foram consideradas as marcas da linguagem poética e a temática, desconstruída para a época, insistentemente melancólica e pessimista, formatada em seus versos de forma musical e esteticamente rígida.

**Palavras-chave:** Augusto dos Anjos; Cientificismo; Desconstrução Poética.

### The influences on Augusto dos Anjos poetics

**Abstract:** This study aims to reflect about the influences suffered by Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos in his poetic work. For this, philosophical doctrines such as positivism and scientism were revisited, as well as some literary schools such as Parnassianism, symbolism and the pre-modernist period itself, and the importance of the Recife 'School in his literary construction. Some authors also collaborated in Augusto poetic formation, the main names were: Edgar Allan Poe, Schopenhauer, Charles Baudelaire. In this work the poetic language aspects and the deconstructed thematic for the time, persistently melancholic and pessimistic, formatted in a musical way and aesthetically rigid his verses.

**Keywords:** Augusto dos Anjos; Scientism; Poetic Deconstruction.

## Introdução

*Para iludir minha desgraça, estudo.*

*Intimamente sei que não me iludo, (ANJOS, 2004, p. 108)*

Em pleno momento de transição na literatura brasileira do século XIX para o século XX surge Augusto dos Anjos. Sua obra caminha sob influência do ultrapassado parnasianismo e chega ao seu fim como prenúncio da grande revolução modernista.

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos foi assim batizado sob o signo da morte, pois seu nome fora escolhido em homenagem ao tio, irmão da mãe, falecido durante a sua gestação. O poeta paraibano foi filho de proprietários de engenho. Seu pai, Dr. Alexandre Rodrigues dos Anjos, apoiava a República e os ideais abolicionistas, entretanto, sabe-se que seu filho foi alimentado no peito de escravas. Desde muito jovem, o menino visitava a biblioteca da família, onde obteve o primeiro contato com os teóricos evolucionistas Darwin, Spencer e Lamarck.

<sup>1</sup> Mestranda no PPG de Educação na Universidade La Salle. Licenciada em Letras pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos-Unisinos (2008).

Apesar de sua morte precoce aos trinta anos, Augusto dos Anjos foi testemunha da abolição da escravidão, da Guerra do Paraguai, do fim da monarquia, da decadência da antiga estrutura latifundiária e do surgimento das grandes usinas. No mundo, observou a teoria da relatividade, anunciada por Einstein e acompanhou o surgimento dos movimentos vanguardistas artísticos como o expressionismo e o futurismo.

### **Influências recebidas por Augusto dos Anjos**

Muito já foi sugerido sobre as possíveis “filiações” ou influências assumidas por Augusto dos Anjos em sua poética. Desde Leopardi, a Baudelaire, Schopenhauer, Edgar Allan Poe, Spencer e até mesmo Goethe e correntes filosóficas como o positivismo, o niilismo, o decadentismo e o cientificismo.

É assertivo observar que Augusto recebeu grande influência do positivismo e do cientificismo. Flávio Sátiro Fernandes, ocupante da cadeira 21 da Academia Paraibana de Letras, revela que foi na Escola de Recife que essas duas correntes penetraram profundamente na temática de Dos Anjos. Fernandes faz um breve comentário sobre a Escola de Recife, em uma palestra proferida no Conselho de Cultura do Estado da Paraíba, por ocasião das comemorações do Centenário do nascimento do poeta, em 1984:

Escola do Recife foi um movimento cultural de ampla repercussão, congregando pensadores, estudiosos, juristas, sociólogos, poetas, preocupados em debater os mais variados temas dentro de suas respectivas especialidades. A Escola do Recife não teve um ideário próprio e definido. Antes, foi um movimento heterogêneo, um cadinho de filosofias, de sociologias, de correntes literárias e jurídicas. Conforme assinala Pinto Ferreira, o grande esforço válido da Escola do Recife foi o convite ao debate filosófico e cultural (FERNANDES, 1984, s/p.).

Ainda, conforme Flávio Sátiro Fernandes (2008), a Escola vivenciou três fases: a fase poética, a fase crítico-filosófica e a fase jurídica. Foram os poetas Tobias Barreto, Silvio Romero e o teorizador Martins Jr. Os produtores de poesia científica por quem Augusto se deixou inspirar.

Complementando sua fala, Fernandes exemplifica elementos que marcam a lírica do poeta de forma irrefutável, comprovando a influência recebida pela Escola de Recife.

[...] Nós vamos encontrar, efetivamente, na obra de Augusto sinais visíveis e evidente dessa influência, pelo uso de termos e expressões próprios de algumas correntes filosóficas veiculadas no âmbito da Escola, pela referência nominal a alguns pensadores alemães nela acatados, pela adesão irrefutável à poesia filosófico-científica, capitaneada por Martins Júnior (FERNANDES, 1984, s/p.).

Márcia Prestes Sabino (2006) faz observações sobre a poesia científica, citando os estudiosos Martins (1883, p. 68) e Romero (1978, p. 101) que assim falam:

Na concepção de Martins Júnior, a poesia científica reconstituiria “a fenomenalidade das coisas”; ele considerou a poesia como *mimesis*, representação, determinando que o universo poético recriaria e significaria o mundo, o qual, conforme a mentalidade positivista, não teria uma causa sagrada e nem possuiria um paralelo “ideal”, mas seria somente concreto, fenomênico. Seguindo o raciocínio do autor, para que o poeta recriasse, eficientemente, o universo material de que fazemos parte, seria necessário “conhecer e apreciar os fenômenos e as suas relações constantes, que são as leis”. Como naquela época a ciência era considerada o meio mais eficaz de conhecimento, por consequência, a poesia seria “obrigada a abeberar-se na ciência” (MARTINS JÚNIOR, 1883, p. 68). O mundo não era mais visto como uma criação divina, ou uma sombra imperfeita de um mundo ideal, mas como um conjunto de fenômenos que poderiam ser analisados, compreendidos racionalmente, e até mesmo previstos. Como a poesia foi considerada uma “imitação” fiel do mundo, ela teria, portanto, um compromisso com as descobertas científicas, e a função do poeta seria, partindo da natureza, “levantar uma obra de arte sobre os dados da observação” (ROMERO, 1978, p. 101).

O poeta cita Haeckel e Goethe, em *Agonia de um filósofo*, além de utilizar linguagem rebuscada, mostrando o conhecimento de termos como areópago, tribunal ateniense encarregado do julgamento daqueles que cometiam crimes contra o estado. Os acusados submetidos ao julgamento do Areópago não tinham direito a apelação. Recortes de poemas a seguir, denotam a influência do Positivismo e do Cientificismo na obra de Augusto dos Anjos.

*No hierático areópago heterogêneo  
Das idéias, percorro, como um gênio,  
Desde a alma de Haeckel à alma cenobial!...  
Rasgo dos mundos o velário espesso;  
E em tudo, igual a Goethe, reconheço  
O império da substância universal! (ANJOS, 1912)*

Em *Psicologia de um vencido*, observam-se os elementos carbono e amoníaco definindo a composição física do poeta. Além disso, o termo epigênese também carrega teor científico, já que se refere ao procedimento em que o embrião se desenvolve a partir de um zigoto sem forma ou diferenciação.

*Eu, filho do carbono e do amoníaco,  
Monstro de escuridão e rutilância,  
Sofro, desde a epigênese da infância,  
A influência má dos signos do zodíaco (ANJOS, 1909).*

Na obra *Sonho de um monista*, o poeta compõe musicalmente o primeiro verso com esqueleto (esc), esquilito (esc) de Ésquilo (esc), finalizando sua rima com o pai da tragédia Grega, porém, não por acaso, ele relata a sua experiência transportando-os para a inconsciência de um zoófito, um coral, tranquilo. Dessa forma, apontando para uma metáfora onírica a qual, constatando a verdade, aflito, sobre Prótilo, matéria hipotética de todos os corpos, Via Deus - mônada esquisita. Conforme Leibniz, mônada tem origem no grego μονάς, μόνος, que se traduz por “único”, “simples”. Como tal, faz parte dos compostos, sendo ela própria sem partes e, portanto, indissolúvel e indestrutível. O título do poema faz referência ao monismo, assim descrito por Gilson Freire (2005):

Definimos o monismo, em seu aspecto filosófico mais abrangente, como o substrato ideológico que apregoa a existência de uma substância única, subordinada a princípios também unitários, na composição de tudo o que existe no universo. Em seu significado mais simples, monismo é a doutrina da unidade, cuja palavra advém do grego monás que designava, na filosofia pitagórica, “toda complexidade que se faz um todo coeso.” (FREIRE, 2005, p. 01)

Pode-se observar, abaixo, as suas primeiras estrofes do poema *Sonho de um monista*.

*Eu e o esqueleto esquilido de Ésquilo  
Viajávamos, com uma ânsia sibarita,  
Por toda a pró-dinâmica infinita,  
Na inconsciência de um zoófito tranqüilo.  
A verdade espantosa do Protílo  
Me aterrava, mas dentro da alma aflita  
Via Deus - essa mônada esquisita -  
Coordenando e animando tudo aquilo! (ANJOS, 1912)*

O niilismo também é observado na obra *Augusto*. Nietzsche e seus trabalhos foram de profunda influência na formação do poeta. O alemão ao observar a “morte de Deus” condenou o homem a crer

no progresso, na razão moral e na ciência, sendo estes os “deuses”. Entretanto, o homem, por possuir necessidade de crer em algo, encontrou e aceitou o nada. Além disso, Nietzsche e Augusto vivenciaram cronologicamente a mesma época. Sobre isso, Vivaldo (2013, p. 13) fala que “[...] a proximidade cronológica entre Nietzsche e Augusto dos Anjos que talvez reforce a ideia de que ambos sentiram, cada qual ao seu modo, os sintomas desse niilismo que provinha do final do século XIX – e isso, de alguma forma, foi o que norteou o seu trabalho.”

Ao dedicar um soneto a Nietzsche, Augusto declara o seu apressado e aproximação com os pensamentos do filósofo.

SONETO

*A Frederico Nietzsche*

*Para que nesta vida o espírito esfalfaste  
Em vãs meditações, homem meditabundo?!  
– Escalpelaste todo o cadáver do mundo  
E, por fim, nada achaste... e, por fim, nada achaste!...  
A loucura destruiu tudo que arquitetaste  
E a Alemanha tremeu ao teu gemido fundo!...  
De que te serviu, pois, estudares, profundo,*

*O homem e a lesma e a rocha e a pedra e o carvalho e a haste?! (ANJOS 2001, p. 274)*

Além da ciência e da filosofia, o poeta do hediondo, uma das designações atribuídas a Augusto por ele próprio, sofreu interferências do Parnasianismo, do Decadentismo, do Simbolismo e ainda antecipou o Modernismo. Telenia Hill (2002), salienta que:

Augusto dos Anjos situa-se na poesia brasileira entre o parnasianismo e o simbolismo, as duas tendências reinantes da época e que atuaram na sua formação. Entretanto, a elas não se filia integralmente, uma vez que ela salta das alturas esteticistas em mergulho à realidade prosaica. O poeta fixa a presença do homem na literatura brasileira numa óptica que além de pessimista é dolorosamente solitária. (HILL, 2002, p. 180)

Assim, pode-se avaliar Augusto dos Anjos como parnasiano na forma, por proferir versos decassílabos e sonetos. Também pode ser considerado como simbolista nas imagens, por inserir vocabulário rebuscado e por personificar estados, como a morte, a dor, a doença, a solidão, entre outros. Entretanto, a desconstrução dos modelos temáticos dessas escolas literárias é evidente. Enquanto o parnaso era blindado no estigma da arte pela arte, Augusto transformava dor em arte, a decomposição em poema e alinhava-se ao simbolismo em sua visão cósmica e filosófica do abstrato palpável, brincando com a forma perfeita e bela dos sonetos através do sombrio.

Alfredo Bosi (1994, p. 289) em seu livro *História concisa da literatura brasileira*, observa a aproximação de Augusto dos Anjos ao pessimismo de Arthur Schopenhauer, sobrepondo-se ao cientificismo.

Já não era licito falar em Spencer ou Heackel para definir a sua cosmovisão, mas no alto pessimismo de Arthur Schopenhauer que identifica na vontade de viver a raiz de todas as dores. Fundem-se visão cósmica e desespero radical produzindo esta poesia violenta e nova na língua portuguesa. (BOSI, 1994, p. 289)

No poema O lamento das coisas, de forma rica, constatam-se as observações de Bosi.

*Triste, a escutar, pancada por pancada,  
A sucessividade dos segundos,  
Ouço, em sons subterrâneos, do Orbe oriundos,  
O choro da energia abandonada!*

É a dor da Força desaproveitada,  
 - O cantochão dos dínamos profundos,  
 Que, podendo mover milhões de mundos,  
 Jazem ainda na estática do Nada!  
 É o soluço da forma ainda imprecisa...  
 Da transcendência que não se realiza...  
 Da luz que não chegou a ser lampejo...  
 E é em suma, o subconsciente aí formidando  
 Da natureza que parou, chorando,  
 No rudimentarismo do Desejo!

No ingresso a visão schopenhauriana a sua temática ganha novo vigor, já que ambos espelham antipatia pelas forças materiais ao compreendê-las como insatisfatórias. Desse modo, percebe-se um alinhamento artístico semelhante ao do filósofo alemão em Augusto dos Anjos.

De acordo com Henrique Duarte Neto (1999, p. 98) em sua dissertação *As cosmovisões pessimistas de Schopenhauer e Augusto dos Anjos (...)* em Schopenhauer a dor e o sofrimento imperam no mundo porque derivam da vontade, que é, para ele, essência do mundo. O homem é escravo do seu querer, e por isso mesmo, um ser que não é livre. O homem é o mais miserável de todas as criaturas. Esse querer, por conseguinte, está muito mais fadado a não ser satisfeito do que satisfeito. (...) Já em Augusto dos Anjos pode-se apontar a dor (ao lado da derrocada da decomposição da matéria) como sendo a própria essência do mundo. Nesse mundo em que os entes são efêmeros e fadados a inúmeros sofrimentos, a dor, por outro lado, é perene (...).

Quanto ao estilo de Augusto dos Anjos, pode-se mencionar a influência de Charles Baudelaire, entretanto, o satanismo baudelaireano não é compartilhado pelo poeta paraibano. A putrefação da matéria os une. Bosi (1994, p. 46) destaca que ambos “cantam a miséria da carne em putrefação”. Também comenta que não há em Augusto dos Anjos complacência satanista, bem como nenhuma convicção estética assumida. O autor ainda descreve Augusto como o “espectador em agonia” num processo de destruição implacável, onde o símbolo é o verme.

Observando a última estrofe do poema de Baudelaire, *Uma carniça*, e as duas últimas estrofes do poema *O deus-verme*, de Augusto dos Anjos verifica-se a influência do francês em sua obra.

(...) Então, querida, dize à carne que se arruína,  
 Ao verme que te beija o rosto,  
 Que eu preservarei a forma e a substância divina  
 De meu amor já decomposto! (Baudelaire, *Uma carniça*)  
 (...) Almoça a podridão das drupas agras,  
 Janta hidrôpicos, rói vísceras magras  
 E dos defuntos novos incha a mão...  
 Ah! Para ele é que a carne podre fica,  
 E no inventário da matéria rica  
 Cabe aos seus filhos a maior porção!

Edgar Allan Poe também foi importante inspiração para a poesia de Augusto. Ele homenageia O corvo, com O morcego, relacionando-o intertextualmente com o célebre poema de Poe, porém em um formato breve e parnasiano.

*Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.  
 Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede:  
 Na bruta ardência orgânica da sede,  
 Morde-me a goela ígneo e escaldante molho.  
 “Vou mandar levantar outra parede...”  
 – Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho  
 E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho,  
 Circularmente sobre a minha rede!  
 Pego de um pau. Esforços faço. Chego  
 A tocá-lo. Minhálma se concentra.  
 Que ventre produziu tão feio parto?!  
 A Consciência Humana é este morcego!  
 Por mais que a gente faça, à noite, ele entra  
 Imperceptivelmente em nosso quarto! (Anjos, 1912)*

## Considerações Finais

Os escritos de Augusto dos Anjos estão associados à fase pré-modernista, surgida no Brasil no início do século XX. Entretanto, Augusto é entendido como um poeta de transição, que englobou os traços do parnasianismo, do simbolismo, do cientificismo, do positivismo, tornando-se, assim, um autor que comporta todas as influências, contudo não se filia a nenhum *ismo* com devoção. Além disso, o vocabulário singular, utilizado por ele é um dos componentes da originalidade que o enaltece em sua abordagem sobre a morte, a decomposição da matéria e traça um efeito rítmico e sonoro.

A produção intelectual de Augusto dos Anjos encontra-se em seu livro intitulado *Eu*, de 1912, no entanto, outros poemas e prosas foram recolhidos e editados originalmente em publicações de 1977 e 1978. Tentar classificar ou inserir o poeta em somente uma escola ou estilo, seria reduzi-lo de forma obtusa. Por esse motivo, é válido o seu estudo e o de suas produções, a fim de que seja extinto o preconceito que paira sobre sua poética. Augusto é atemporal, possui em sua essência toda a dor e influência dos *ismos*, mas sabe utilizá-los a ponto de desconstruir os modelos e reafirmar-se como o poeta único em nossa história literária.

## Referências

ANJOS, Augusto dos. **Eu**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

FERNANDES, Flávio Sátiro. **Augusto dos Anjos e a Escola de Recife**. Disponível em: [www.revista.agulha.nom.br/augusto18](http://www.revista.agulha.nom.br/augusto18). Acesso em 03/12/2018.

FREIRE, Gilberto. Um encontro entre dois eus de brasileiros preocupados com a renovação da língua portuguesa no Brasil, no Colóquio de Letras, em Lisboa, que ocorreu nos meses de Julho e dezembro de 1991.

FREIRE, Gilson. **Breve história do monismo**. Disponível em : <http://www.gilsonfreire.med.br/index.php/component/content/article/8-artigo/25-breve-historia-do-monismo>. Acesso em 15/12/2018.

HILL, T. T. S. ; HIL, T. Augusto dos Anjos e o discurso da dor. In: BRASA VI International Congress, 2002, Atlanta. Proceedings- BRASA VI International Congress. Novo México: Publicação da BRASA, 2002. p. 180-192 GULLAR, Ferreira. Toda a poesia de Augusto dos Anjos. São Paulo, Paz e Terra, 1978.

DUARTE NETO, H. . As cosmovisões pessimistas de Schopenhauer e Augusto dos Anjos. P. 98 In: III Seminário A Quantas Anda, 1999, Florianópolis. III Seminário A Quantas Anda. Florianópolis, 1999.

SABINO, Márcia Peters. **Augusto dos Anjos e a poesia científica**. Juiz de Fora, 2006. P. 21- 23 Dissertação. Universidade de Juiz de Fora. Programa de Pós-Graduação em Letras. Teoria da Literatura.

SABINO, Márcia Peters. **A questão da religiosidade em Augusto dos Anjos**. Disponível em: letraseletras.ileel.ufu.br. Acesso em 01 de dezembro de 2018.

SCHOUPENHAUER, Arthur. **Da morte**: metafísica do amor e do sofrimento do mundo. São Paulo: Martin Claret, 2004.

VIVALDO, Vicente Leonardo. **Uma poética sobre NADA? O niilismo em Augusto dos Anjos**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara. 2013, p. 13.

Recebido em: 16.11.2018

Aprovado em: 05.01.2019